



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

BINTO MANÉ

**DISCRIMINAÇÃO E PRECONCEITOS INSTITUCIONAIS
CONTRA RASTAS NA GUINÉ-BISSAU (2000-2014)**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

BINTO MANÉ

**DISCRIMINAÇÃO E PRECONCEITOS INSTITUCIONAIS
CONTRA RASTAS NA GUINÉ-BISSAU (2000-2014)**

Trabalho de conclusão de curso submetido à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) como parte de requisitos parciais para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Carlindo Antonio Fausto.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

BINTO MANÉ

**DISCRIMINAÇÃO E PRECONCEITOS INSTITUCIONAIS
CONTRA RASTAS NA GUINÉ-BISSAU (2000-2014)**

Trabalho de conclusão de curso submetido à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) como parte de requisitos parciais para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 29/05/2018

BANCA EXAMINADORA

Profº. Drº. Carlindo Fausto António - Orientador

Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Profª. Drª. Rutte Tavares Cardoso Andrade - Examinadora

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Profº. Drº. Paulo Sérgio de Proença - Examinador

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
1.1	A RELIGIÃO E DOMÍNIO COLONIAL	5
1.2	AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES DO RASTAFARISMO	8
2	DELIMITAÇÃO E PROBLEMA DE PESQUISA	9
3	JUSTIFICATIVA	10
4	OBJETIVOS	11
4.1	GERAL	11
4.2	ESPECÍFICOS	11
5	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
5.1	O TÓPICO CABELO, PRECONCEITO, DISCRIMINAÇÃO E EMPAREDAMENTO	13
6	METODOLOGIA	15
7	CRONOGRAMA	16
	REFERÊNCIAS	17
	APÊNDICES	18

1 INTRODUÇÃO

O estudo relativo ao processo de preconceito e de discriminação de rastas na sociedade guineense, com ênfase nas instituições e famílias, exige algumas considerações a respeito do domínio colonial e das suas políticas e ideologias no que diz respeito aos valores africanos relacionados à cultura local e nacional; aos valores linguísticos e igualmente aos ligados às religiões existentes no seio da sociedade africana e, no caso da pesquisa em questão, da sociedade guineense.

O projeto exige também considerações a respeito da relação África e Diáspora, do projeto colonial de desafricanização das mentes e igualmente do movimento rastafari e da estética rasta. A propósito do movimento rastafari é para enquadrar a discriminação contra rasta na Guiné-Bissau, inicialmente trabalharemos com a compreensão de como as crenças religiosas e populares foram de uma certa forma impedidas, ou seja, discriminadas pela colonização. A este respeito, no contexto guineense, o sistema colonial deixou marcas que foram incorporadas.

1.1 A RELIGIÃO E O DOMÍNIO COLONIAL

A religião africana no período antes do contato com os europeus estava e está ligada à cultura africana. Para Emmanuel Obiechina (1978) *apud* OPOKU, 2010 p. 591):

Não existe qualquer dimensão importante da experiência humana que não esteja ligada ao sobrenatural, ao sentimento popular religioso e à piedade [...]. Tudo isso constitui parte integrante da estrutura ideológica da sociedade tradicional e é essencial para uma interpretação exata da experiência no contexto social tradicional (OBIECHINA, 1978 *apud* OPUKO, 2010, p. 591).

A partir de 1885, a imposição do domínio colonial na África levou à vulgarização da influência europeia até o centro do continente. Toda a interferência europeia, durante a época colonial, fundamentava-se no postulado de que, para inserir o avanço, era concreto transverter ou até destruir por absoluto a cultura africana. Os missionários foram os porta-vozes da cultura ocidental quase até no início da década de 1890, e sempre foram claros relativamente à religião africana: pretendiam converter os africanos não apenas ao cristianismo, mas também à cultura ocidental, que achavam impregnada de cristianismo e intimamente marcada por ele. Desde logo o risco foi compreendido por chefes africanos astutos, que imediatamente confrontaram à penetração dos missionários, reconhecendo na presença deles um desafio e

uma intimação às formas costumadas de autoridade, os administradores, missionários e os coloniais lutavam contra à crença nos espíritos, nas forças sobrenaturais e nos deuses, na feitiçaria, nos sacrifícios, nos rituais, nos tabus e na devoção dos antepassados. Os administradores coloniais inseriram a medicina ocidental, e combatiam os hábitos “pagãos” para fragilizar a base dos médicos e dos curandeiros tradicionais; a ordem antiga foi severamente fustigada e, na maioria dos setores da comunidade africana, envidaram-se esforços para defendê-la e protegê-la.

A administração colonial lutava para acabar com a crença na feitiçaria e buscava fazê-la desaparecer através de decretos e de medidas decididas a pôr fim aos movimentos africanos pela exclusão da feitiçaria. Para além da ação unida dos missionários e dos administradores coloniais, a fé na feitiçaria perdurou no meio dos convertidos como dos não convertidos, os africanos prosseguiram a cuidar do problema à sua maneira. A presença europeia mostrava, logo, uma dupla imposição: sobre a terra e sobre as tradições.

No caso da religiosidade africana, essa importância foi obrigada a resistir à opressão dos invasores europeus durante vários séculos. Segundo Opoku (2010), “a coacção do domínio colonial na África, a partir de deliberação da conferencia de Berlim 1884 e 1885, levou à difusão da ascendência europeia até ao centro do continente africano, enquanto antes ela se centralizava no litoral do continente. Essa intervenção europeia, durante o período colonial, baseava-se no postulado de que, para inserir o avanço, era preciso modificar ou mesmo destruir completamente a cultura africana”. E, como a cultura africana estava internamente ligada à religião, é fácil entender que a estratégia colonial europeia podia chocar-se violentamente com princípios da religião tradicional, que formavam as próprias bases da sociedade africana. Desde o primórdio, a religião tradicional viu-se sujeitada ao desafio da sobrevivência e da necessidade de se revigorar.

No entanto, o mesmo autor salienta que, a fraqueza da religião tradicional mostrou, também, a fraqueza de grande número de instituições sociais e políticas tradicionais, que dela dependiam. Assim, os costumes, a teia de relações familiares, o nexos comunitária e a fundação dos régulos fragilizaram muito, apesar de não desaparecerem por completo.

Os mesmos mecanismos do processo colonial presentes no continente africano são também mobilizados para as ações do poder europeu no continente americano e na diáspora negro-africana.

Para Rabelo (2006), na Jamaica, o passado colonial baseado na escravidão, gerou uma sociedade hierarquizada na qual a cor mais clara da pele era vista como um meio de distinção social inclusive entre os afro-descendentes até após o fim da escravidão em 1838. Contra essa

discriminação dos afro-jamaicanos, surgiu nos anos de 1930, um movimento religioso chamado Ras Tafari, cuja principal referência era o reconhecimento do imperador Haile Selassie I da Etiópia como uma divindade.

O movimento rastafári, norteado pela história do Imperador Haile Selassie I da Etiópia, surgiu na Jamaica na década de 30 do sec.XX. O movimento se apresenta como uma nova religião de nome rastafári “Ras”(príncipe ou cabeça) “Tafári”(paz) ou seja “príncipe da paz “ que é o Haile Selassie antes de ser coroado imperador de Etiópia. Em 1928. Ele assumiu o trono em substituição da imperatriz Zewditu, que foi afastada por motivo de diabete do trono. A situação levou Ras Tafari Makonen a assumir de forma interina o título de Neggus (rei) da Etiópia. E aproximadamente dois anos após sua referida titulação interina, Makonen testemunha o falecimento de Zewditu em 2 de abril de 1930. A partir de então, iniciam-se os caminhos e os preparatórios para que sete meses depois, ao dia 2 de novembro de 1930, o Neggus da Etiópia, dantes Ras Tafari Makonen, assumo o trono de Imperador sob o título de “Sua Majestade Imperial Haile Selassie I. Leão Conquistador da Tribo de Judah, Rei dos Reis da Etiópia Eleito por Deus”.

Portanto, o prognóstico de Marcus Garvey a respeito de um rei africano que seria coroado a leste para a redenção dos filhos da África, cumpria-se. Ao fato que o mundo confirmava frações consideráveis de garveistas jamaicanos sacralizarem seu discurso na figura de Ras Tafari, o messias negro, o príncipe da paz, o Haile Selassie I. Nasce então o Ser Rastafári.(ARAÚJO, 2016, p. 52). O movimento se espalhou graças a imigração e a música reggae do jamaicano Bob Marley.

A partir do exposto a acima e da conjuntura rastafári, surgiu o interesse pelo tema, sobre de que forma os indivíduos agem de maneiras preconceituosas em relação as pessoas com rastas, em especial os rastafári? Os motivos que levam estas pessoas a menosprezarem e negarem oportunidades de serviços por apresentarem certas características.

Segundo Gustavo (2014),“ As políticas de eugenia contra negros e pobres e as proclamadas limpezas culturais produziram outros resultados”. Isso demonstra o papel hegemônico que o ocidente exerce na desvalorização da herança africana e na cultura da diáspora.”.

1.2 AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES DO RASTAFARISMO

As primeiras manifestações públicas do rastafarismo começaram a ser percebidas na Jamaica três anos após a coroação de Haile Selassie, quando Leonard Percival Howell começou a vender fotos do imperador Selassie e pregar sua divindade.

A rejeição da sociedade jamaicana e da civilização capitalista ocidental pelos rastafáris colaborou para a formação de uma identidade e de uma política de liberação de um grupo social contra o domínio que o imperialismo havia lhe forçado.

Para Barrett (1986) as feições europeias reinterpretados podem ser vistos na leitura que os rastafáris fazem da Bíblia, com sua significação alegórica comumente empregada em seitas como as Testemunhas de Jeová, os Pentecostais e o próprio Revivalismo jamaicano, de modo que no uso que os rastas constroem de certos hinos religiosos das igrejas ortodoxas. O ritmo jamaicano do reggae, alicerce para a propagação dos mandamentos rastas, foi o efeito híbrido da mistura do calipso, ska e rock steady jamaicanos com o rhythm'n'blues e o soul norte-americanos.

Para Bhaba (2000) a representação da diversidade cultural não deve ser lida apressadamente como espelho de feições culturais ou étnicos propensos, inscritos na lápide fixa dos costumes, tendo em conta os hibridismos culturais resultantes dos ajustes, significações e interstícios progredidos pelas diferenças culturais.

Análise das estéticas do Rastafári mostra-se como uma habilidade de compreensão historiográfico, apontando desmantelar a elaboração de estereótipos e indexação de preconceitos culturais e sociais, começados no curso da história, sobretudo no que pertence às culturas da diáspora. (PRESTA, 2014).

Na Guiné-Bissau as pessoas não usam rasta por causa do movimento religioso rastafári, as pessoas usam rasta por causa da moda, alguns por causa do Bob Marley. Eu em especial, uso Rasta por estilo, achei que precisava mudar o meu visual, então escolhi Rasta (Karol-entrevista III).

A discriminação contra rasta mostra as aproximações existentes nos processos vividos por negros-africanos e por negros-brasileiros. Em outros termos, África e Diáspora-negra vivem as mesmas experiências. A entrevista abaixo revela tal realidade:

A minha experiência quanto ao uso de rasta aqui no Brasil e em todo os lugares que já frequentei por enquanto não está sendo pior do que esperava. Pois desde antes sabia que há muito preconceito e discriminação com as pessoas que usam rasta. Aqui e em Bissau, pelas experiências observadas, pois nunca deixei cabelo crescer muito em Bissau, mas dava dá para perceber mesmo só nos gestos e olhares como as

peças com rasta são mal vistos e preconceituosamente marginalizados. Eu não percebo isso acontecendo comigo, mas sinto algumas peças ficam muito cautelosas ao dirigirem-se à mim em relação a tudo que diz respeito ao meu visual, e especificamente ao meu rasta. Com medo de não parecerem preconceituosos, então isso faz me entender que ainda existe uma certa complexidade das peças em aceitarem voluntariamente o estilo rasta, como a maioria das modas que são consumidas pela sociedade sem muita rejeição ou marginalização. (Karol- entrevista III)

Perante isso, exposto acima, nós dá para perceber a existência de complexidade das peças com relação as peças que usam rasta, por outro lado, a sociedade de consumo e a indústria cultural não deixaram o movimento (o uso do rasta) palatável para os padrões, que foram determinados pela desafrikanização ou projeto colonial e racista. O estranhamento do estilo rasta deve a descentralização de padrões de beleza eurocêntricos.

No caso de Moçambique, segundo Afito (2012), quando chega a altura de obter um emprego no Aparelho do Estado ou em quaisquer empresas privadas, possuir rasta (dreadlocks) pode ser a principal razão para não ser contratado. Este é o drama de centenas de moçambicanos seguidores do movimento rastafari que são conotados como delinquentes e usuários de drogas. Segundo alguns autores, no mundo, os rastas (dreads) ganharam visibilidade graças ao movimento rastafari. Os rastafaris não cortam o cabelo por motivos religiosos e outros não o fazem por questões de afirmação pessoal. Um exemplo de preconceito e discriminação a um rasta deu-se em Nampula com o cidadão de nome João Sualehe Afito, ou simplesmente Mele como é conhecido no meio artístico, sobretudo na promoção de música tradicional e acrobacia ao nível daquela província. Por possuir cabelos longos, foi impedido pela Direcção Provincial de Educação e Cultura de assinar um contrato para leccionar nas escolas públicas.

2 DELIMITAÇÃO E PROBLEMA DE PESQUISA

A discriminação e o preconceito são questões sociais presentes na sociedade guineense; no período de 2000-2014, principalmente nos casos das peças com rastas. Os casos são frequentes tanto no âmbito familiar, como nos espaços institucionais. O olhar construído ao longo da história a respeito dos rastas, especialmente dado pela colonização, é de reprodução de visões preconceituosas e discriminatórias. Os rastas na Guiné-Bissau, conforme os artigos e as entrevistas feitas aqui, são vistos como delinquentes e usuários de drogas. Diante disso, o presente projeto de pesquisa tem como problemáticas: *a visão e*

preconceito que as pessoas têm sobre rastas na Guiné-Bissau; Como os indivíduos são visto, na Guiné-Bissau, a partir da opção do estilo de cabelo adotado? O uso de rasta se apresenta como produção cultural e negação da sociedade colonizada (desafricanizada) ?

3 JUSTIFICATIVA

O interesse pelo tema de pesquisa é, primeiro, indagar sobre os casos preconceito e da discriminação contra rastas na Guiné-Bissau. A relevância da pesquisa nos obriga a olhar os casos de preconceito e de discriminação institucionais e, ao mesmo tempo, buscar uma conexão para compreender o processo de desafricanização na sociedade guineense e mostrar também o projeto colonial que é um instrumento para desafricanizar as cabeças, proibir as manifestações religiosas e culturais.

Quanto à relevância do trabalho a ser pesquisado, em termos políticos o estudo poderá ajudar no combate à discriminação e preconceito das pessoas com rastas. Outra questão que merece destaque é a invisibilidade da temática que não é muito discutido na Guiné-Bissau. No que diz respeito à relevância social, o tema, discriminação e preconceito contra rastas, é importante pois possibilita não somente o entendimento desse problema de modo específico; mas também a busca de uma compreensão da sociedade guineense. Outra questão pertinente, no que diz respeito à pesquisa, prende-se ao fato de o estudo contribuir para a abordagem acadêmica, uma vez que, salvo uma pesquisa mais profunda, não há trabalho escrito a respeito, existe uma fraca produção acadêmica sobre o tema. Vale destacar que este tema é importante porque é “inovador”, ou seja, não existe nenhum estudo a respeito na Guiné-Bissau; razão pela qual a pesquisa vai ajudar na percepção social dos rastas e, no mesmo movimento, possibilitar uma sistematização a respeito.

4 OBJETIVOS

4.1 GERAL

- ✓ Analisar de que maneira se dá os processos de discriminação e preconceito institucionais contra pessoas portadoras de rastas na Guiné-Bissau.

4.2 ESPECÍFICOS

- ✓ Compreender, a partir de depoimentos orais escritos, a discriminação e preconceitos nos espaços de trabalho, no âmbito familiar e nos discursos;
- ✓ Organizar, a partir de entrevistas, dados primários para orientar a presente pesquisa e estudos futuros.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A procura por uma identidade social e pessoal, em meio a uma coletividade com normas de beleza e de condutas moralmente instituídas, faz com que as pessoas busquem incluir práticas alternativas de consumo e formação cultural, produzindo um ambiente favorável para práticas de símbolos culturais; uma das práticas é o uso de rasta (dreadlocks), tudo isso faz parte da resistência de identidade e contracultura (SANTOS e CAMPOS, 2016, p. 01).

Os cabelos são usados para diversos fins, sejam eles para protestar ou como forma de resistência e de assumir a identidade negra, mas também para fugir dos padrões de beleza eurocêntricas. Diante disso, em alguns casos, os usuários de rastas sofrem preconceitos e discriminações na maioria dos países por conta da estética rasta. Sendo assim, esses sujeitos enfrentam problemas para conseguir o emprego independente da capacidade profissional. O indivíduo é dispensado por conta da sua estética; o papel desempenhado pelos cabelos, a cor da pele na construção da identidade negra é perfeitamente notável.

Comecei a usar dread Locks quando já tinha terminado o liceu, tudo porque nas instituições em que estudei não era permitido uso de dreads, nem outro tipo de cabelo que não seja normal raspado ou penteado, só as meninas tinham Liberdade de

usar o modelo de cabelo que quisessem, então quando fiz, minha família me apoiou, contudo sempre sofria com comentários do tipo, "pra quê esse cabelo?" O pessoal tem um preconceito enorme com pessoas que usam Dread Locks, tanto que não dá pra conseguir um emprego usando dreads, quando estava vindo para cá (Brasil) a moça que trata da documentação na embaixada do Brasil perguntou se eu queria ser mulher, Tudo porque eu estava usando dread (Victor-entrevista II).

A entrevista posta acima demonstra que o preconceito e a discriminação sobre essas pessoas não se limitam somente no âmbito familiar, elas ocorrem nos espaços institucionais. Há, no fragmento da entrevista, a questão do gênero. O texto é bem direto: “ a moça que trata da documentação na embaixada do Brasil perguntou se eu queria ser mulher. ” Essa indagação mostra, de acordo com os registros de entrevistas, que existe mais preconceito contra homens que usam rasta do que conta as mulheres.

Lembro-me quando fui fazer o meu passaporte no serviço de Migrações em 2013 não me deixaram fazer o scanner por causa do cabelo (rasta). Disseram-me que eu tinha que ser artista ou jogador para que eu possa usar o cabelo no documento, fora essa condição eu tinha que cortar o cabelo. Fiquei sem saída, com necessidade de tirar o passaporte tive que cortar tudo (Ró Gilberto-entrevista VII).

Quanto aos questionários, foi possível evidenciar diferentes interpretações e insatisfações da forma como são vistos na sociedade. Numa das respostas ao questionário, Virgínio Mendes alega que a experiência dele com o uso de rasta na Guiné-Bissau, na escola onde ele estudava, não era fácil, pois não era permitido entrar sem pentear o cabelo e nem fazer uma corte que não era fora do padrão ocidental.

A mãe do Virgínio, um dos entrevistados, relatou que não queria um filho rasta. Trago aqui a propósito do preconceito no posicionamento familiar um diálogo bem significativo: Virgínio sorriu, pois queria muito fazer rasta, perguntou: porque não mamã? Ela respondeu que essas pessoas eram ladrões, usuários de drogas, assassinos, assaltantes, traficantes. Como pode se perceber, a mãe dele resumiu e associou um rasta ao mundo de crime.

Segundo Virgínio, geralmente as pessoas que usam rasta na sociedade guineense são visto de maneira preconceituosa, estereotipada, muitas pessoas julgam elas pelas ideias preconcebidas, e outras pela experiência de outras da mesma categoria.

O entrevistado, que é aluno da Unilab Virgínio, ressaltou ainda uma outra experiência: no início deste ano ele foi para Guiné-Bissau com objetivo de renovar o seu passaporte, foi no banco Ecobank pagar boleto para ter acesso a renovação, as pessoas que lá estavam na fila junto com ele olhavam atentamente para ele como se tivessem com receio de serem assaltadas ou outra coisa do tipo. E no local da emissão do passaporte, foi com um pedido especial de um Tenente coronel, porque sempre escutava “vai e volta outro dia”, quase um mês no vai e vem, um dia ele teve que ligar para o mandatário que ligou para o indivíduo que devia atender ele

imediatamente, ao entrar na sala da espera um segurança expulsou ele mas ele recusou de sair porque também tinha o direito de estar ali e foi chamado por um funcionário, além do mais, ele foi enviado ali pelo Tenente, a segurança foi rapidinho interrogar o tal funcionário ele explicou para o segurança que o motivo da estadia dele, daí saiu e mudou do comportamento demonstrando que conhecia o Tenente e as funções que ele já havia ocupado (Virginio-entrevista IV).

5.1 O TÓPICO CABELO, PRECONCEITO, DISCRIMINAÇÃO E EMPAREDAMENTO

O tópico, cabelo, preconceito, discriminação e emparedamento, mostra que os efeitos no corpo. Considerando o dito a respeito da corporeidade, muitos indivíduos negros, principalmente as mulheres, veem-se encarceradas ao cabelo. (2016). Se tem uma entrevista de emprego, é obrigada a avaliar detalhadamente como irá mostrar o seu cabelo aos potenciais patrões. (2016)¹

Neste sentido, segundo Cavalcante (2006), os indivíduos, ao longo da sua historia tem certo medo pelas diferenças que o seu cotidiano lhe apresenta e fazia suas análises através dos seus conhecimentos incontestáveis que permeavam a sua realidade, pois não teria sentido admitir outra verdade se no caso a sua convivência é retilinea até tal diferença. Ainda o mesmo autor sublinha que o etnocentrismo é a base que possibilita julgar o seu meio superior a dos outros, que daí surge o preconceito.

Para Santos e Campos (2016) “os usuários do penteado apontam sofrer preconceito na hora de conseguir um emprego tradicional, pois barreiras simbólicas baseiam a decisão de contratação, levando-os, algumas vezes, às novas alternativas econômicas”.

Diante disso, estes condicionamentos provocam nos rastas outra forma de conceber a sociedade, ou seja, eles resolvem raspar os seus cabelos com intuito de alcançar estes empregos. Por outro lado, existem indivíduos que preferem ficar assim com os seus cabelos mesmo sendo sujeitos a essa exclusão. Nas respostas ao nosso questionário, muitos desses entrevistados alegam que o uso de Rasta (dreadlocks) esta inteiramente ligada à moda e não ao movimento Rastafari.

De acordo com Santos e Campos (2016) a forma de consumo cultural, no que tange a sua origem, as vezes, perdem os seus sentidos originários, dando lugar a outra qualificação, a cultura contemporânea, neste sentido, cria laços afetivos que possibilita o surgimento de novas identidade híbridas. Por estes motivos, o uso de dreadlock pelos jovens está inerente a uma marca identitária que não se limita somente ao estilo, mas sim, ligada ao consumo cultural.

¹ <https://escreveelianaescreve.com/2016/09/02/vamos-falar-de-cabelo>

“Eu, em especial, uso Rasta por estilo, achei que precisava mudar o meu visual, então escolhi Rasta”. (Karol-entrevista III).

Em outros casos, o uso do rasta é tido por alguns indivíduos como uma forma de resistência.

Eu uso rasta como uma forma de resistência, e de lutar contra as idéias preconcebidas, estereotipadas, por outro lado para demonstrar as pessoas que refúgiam neste estilo para associar os seus vício, como justificativa de que para ser um puro rasta a pessoa não precisa de usar drogas. (Virgínio-entrevista IV).

Alguns autores afirmam que o rasta (dreadlocks) não surgiu na Jamaica. De acordo com a revista arte e dreads (s/n) rasta (dreadlocks) foram achadas em múmias no Peru, entre 200 e 800 D.C., e padres astecas dos séculos 14 e 15 tradicionalmente usavam seus cabelos em tranças. No contexto africano, na Etiópia sacerdotes da igreja copta usavam dreadlocks por muitos anos, na Índia em homenagem à divindade “Shiva” que tinha cabelos compridos os seguidores da seita “sadhu” do hinduísmo também usam dreads. Os membros do grupo Muslim Baye Fall do Senegal, em Angola etc, todos usam.

Os rastafáris jamaicanos são o grupo mais conhecido em usar rasta(dreadlocks) , o movimento rastafári surgiu em 1930 como um grupo que acredita na divindade do imperador da Etiópia Haile Selassie I. Nos primeiros momentos do movimento, muitos rastas foram presos e confrontaram perseguição. E assim, o uso de rasta (dreadlocks) ganhou mais adeptos graças ao cantor Bob Marley, o povo associa o uso de rasta a imagem do Bob Marley².

O exposto acima mostra que o cabelo rasta não surgiu na diáspora e nem com o movimento rastafári, mas se popularizou com o surgimento do movimento rastari. Ainda não há estudos disponíveis sobre o uso de rasta (dreadlocks) na Guiné-Bissau reforçando a importância do presente projeto de pesquisa para compreender as aparências culturais que interpõem seu uso na sociedade, os componentes de sua estrutura identitária, as formas como são vistos e discriminados e as relações de uso ligadas ao cabelo.

Para compreender o fato, foi feita online uma pesquisa de caráter qualitativo através de Google formulário que foi enviado através de e-mail, facebook e whatsapp neste caso, vale lembrar que o nosso objetivo é de analisar, numerar e compreender de que maneira se dá os processos de discriminação e preconceito institucionais contra pessoas que usam rasta

² <http://artedreads.com.br/>

(dreadlock)³ na sociedade guineense. A partir de depoimentos orais e escritos, de igual forma, entender a discriminação e preconceito nos ambientes de trabalho, no âmbito familiar e nos outros espaços oficiais que apresentam explícita e implicitamente restrições à estética rasta, por assim dizer, sociedade em geral.

6 METODOLOGIA

Para compreender o preconceito e a discriminação de rastas na Guiné-Bissau foi feita online uma pesquisa de caráter qualitativo. O processo de coleta das entrevistas, através de Google formulário, foi, enviado via e-mail, facebook e WhatsApp. Outro recurso metodológico é considerar os artigos e bibliografias. A execução deste projeto vai ser durante o meu percurso de graduação de R.I e também acho que poderá servir de suporte bibliográfico para futuros pesquisadores sobre mesmo tema. Acredito que a realização desta pesquisa terá um êxito devido a acessibilidade as informações através de pesquisa bibliográfica, privilegiando, artigos, dissertações, teses de doutorados, livros, pesquisa na internet etc.

Outro dado que vai merecer registro é o estudo de caso, que será um meio para valorizar os depoimentos orais e os registros coletivos, que poderão produzir dados, informações e bases para a presente pesquisa e, ao mesmo tempo, um banco de dados para outras pesquisas/investigações.

³ Dreadlocks

REFERÊNCIA

ARAÚJO, Douglas Gomes. **Cultura Rastafari**: Um estudo sobre práticas culturais afroamericanas e representações diaspóricas – São Paulo, 2016.

DREADS não merecem má reputação. Disponível em: <http://www.verdade.co.mz/tema-de-fundo/35-themadefundo/25439-dreads-nao-merecem-ma-reputacao>. Acesso: 25 Jul de 2017
<https://escrevelianaescreve.com/2016/09/02/vamos-falar-de-cabelo>

OPOKU, Kof Asare. A religião na África durante a época colonial. In: História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935 / editado por Albert Adu Boahen. – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010. 1040 p.

PRESTA, Gustavo Antoniuk. Transgressão e Resistência nas estéticas do Rastafári. 2014.

RABELO, Danilo. *Rastafari: Identidade e hibridismocultural na Jamaica, 1930-1981*. (Tese de Doutorado). Universidade de Brasília, Brasil- 2006.

SANTOS, William Figueiredo dos; CAMPOS, Deivison Moacir Cesar de. O Uso dos *Dreadlocks* e sua Resignificação na Juventude Contemporânea. Trabalho apresentado na IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

APÊNDICES

QUESTIONÁRIO

1-QUAL É A SUA EXPERIÊNCIA COM O USO DE RASTA NA GUINÉ-BISSAU. (ESCOLA, FAMÍLIA, EMBAIXADAS, IGREJA, INSTITUIÇÕES, ETC) ?

2-PORQUE VOCÊ USA RASTA ?

3-VOCÊ ADOTOU A ESTÉTICA NA GUINÉ-BISSAU OU AQUI NO BRASIL ?

4-QUAL SEU ENVOLVIMENTO COM A FILOSOFIA E POLÍTICA RASTAFÁRI?

5-COMO VOCÊ PENSA O USO DO RASTA E REGGAE DO PONTO DE VISTA DA CULTURA DE MASSA OU INDÚSTRIA CULTURAL ?

6-RASTA, REGGAE E JAMAICA: FALE DA RELAÇÃO ÁFRICA E DIÁSPORA NEGRO-AFRICANA ?

EntrevistaI

Valdir Luis Alves De Almada-aluno da Unilab Ceará (20,Maio de 2018)

QUAL É A SUA EXPERIÊNCIA COM O USO DE RASTA NA GUINÉ-BISSAU. (ESCOLA, FAMÍLIA, EMBAIXADAS, IGREJA, INSTITUIÇÕES, ETC) ?

Valdir Luis Alves De Almada : Mal interpretado

PORQUE VOCÊ USA RASTA ?

Valdir Luis Alves De Almada : Por simples gosto

VOCÊ ADOTOU A ESTÉTICA NA GUINÉ-BISSAU OU AQUI NO BRASIL ?

Valdir Luis Alves De Almada : Aqui no Brasil

QUAL SEU ENVOLVIMENTO COM A FILOSOFIA E POLÍTICA RASTAFÁRI?

Valdir Luis Alves De Almada : Nenhum

COMO VOCÊ PENSA O USO DO RASTA E REGGAE DO PONTO DE VISTA DA CULTURA DE MASSA OU INDÚSTRIA CULTURAL ?

Valdir Luis Alves De Almada : Industria cultural

RASTA, REGGAE E JAMAICA: FALE DA RELAÇÃO ÁFRICA E DIÁSPORA NEGRO-AFRICANA ?

Valdir Luis Alves De Almada :

Entrevista II

Victor Cassama-alunodeUnilab (MAIO 2018).

- QUAL É A SUA EXPERIÊNCIA COM O USO DE RASTA NA GUINÉ-BISSAU. (ESCOLA, FAMÍLIA, EMBAIXADAS, IGREJA, INSTITUIÇÕES, ETC) ?

Victor Cassama: Comecei a usar dread Locks quando já tinha terminado o liceu, tudo porque nas instituições em que estudei não era permitido uso de dreads, nem outro tipo de cabelo que não seja normal raspado ou penteado, só as meninas tinham Liberdade de usar o modelo de cabelo que quisessem, então quando fiz, minha família me apoiou, contudo sempre sofria com comentários do tipo, "pra quê esse cabelo?" O pessoal tem um preconceito enorme com pessoas que usam Dread Locks, tanto que não dá pra conseguir um emprego usando dreads, quando estava vindo para cá (Brasil) a moça que trata da documentação na embaixada do Brasil perguntou se eu queria ser mulher, Tudo porque eu estava usando dread.

PORQUE VOCÊ USA RASTA ?

Victor Cassama: Porque eu gosto, me sinto bem, acho que é algo que me identifica, não me consigo ver mais sem Dreads.

VOCÊ ADOTOU A ESTÉTICA NA GUINÉ-BISSAU OU AQUI NO BRASIL ?

Victor Cassama: Na Guiné Bissau

QUAL SEU ENVOLVIMENTO COM A FILOSOFIA E POLÍTICA RASTAFÁRI?

Victor Cassama: Acho que uso mais pela estética, apesar de me identificar com algumas filosofias do rastafarianismo.

COMO VOCÊ PENSA O USO DO RASTA E REGGAE DO PONTO DE VISTA DA CULTURA DE MASSA OU INDÚSTRIA CULTURAL ?

Victor Cassama: Acho que tem muito a ver, Raggae e Rastafari uma das principais referências do rastafarianismo é o músico Bob Marley, um dos símbolos mais influentes do Raggae, então acho que Raggae e Rastafari têm uma relação extremamente inexcludentes.

RASTA, REGGAE E JAMAICA: FALE DA RELAÇÃO ÁFRICA E DIÁSPORA NEGRO-AFRICANA ?

Victor Cassama:

Entrevista III

Karol M.O.Simões - aluno de Unilab Ceará (20, MAIO de 2018).

QUAL É A SUA EXPERIÊNCIA COM O USO DE RASTA NA GUINÉ-BISSAU. (ESCOLA, FAMÍLIA, EMBAIXADAS, IGREJA, INSTITUIÇÕES, ETC) ?

KAROL M.O. SIMÕES: A minha experiência quanto ao uso de rasta aqui no Brasil e em todo os lugares que já fequeitei por enquanto não está sendo pior do que esperava. Pois desde antes sabia que há muito preconceito com e discriminação com as pessoas que usam rasta. Aqui é em Bissau, pelas experiências observadas, pois nunca deixei cabelo crescer muito lá Bissau, mas dava dá para perceber mesmo só nos gestos e olhores como as pessoas com rasta são mal vistos e preconceituosamente marginalizados. Eu não percebo isso acontecendo comigo, mas sinto algumas pessoas ficam muito cautelosas ao dirigirem-se à mim em relação a tudo que diz respeito ao meu visual, e especificamente ao meu Rasta. Com medo de não parecerem preconceituosos, então isso faz-me entender que ainda existe uma certa complexidade das pessoas em aceitarem voluntariamente o estilo Rasta, como a maioria das modas que são consumidas pela sociedade sem muita rejeição ou marginalização.

PORQUE VOCÊ USA RASTA?

KAROL M.O. SIMÕES: Eu em especial, uso Rasta por estilo, achei que precisava mudar o meu visual, então escolhi Rasta.

VOCÊ ADOTOU A ESTÉTICA NA GUINÉ-BISSAU OU AQUI NO BRASIL ?

KAROL M.O. SIMÕES: Aqui no Brasil.

QUAL SEU ENVOLVIMENTO COM A FILOSOFIA E POLÍTICA RASTAFÁRI?

KAROL M.O. SIMÕES: Quase nenhum. Não acompanho e nem tenho muito ciência daquelas políticas, eu simplesmente uso por motivos intrínsecos ao meu visual.

COMO VOCÊ PENSA O USO DO RASTA E REGGAE DO PONTO DE VISTA DA CULTURA DE MASSA OU INDÚSTRIA CULTURAL ?

KAROL M.O. SIMÕES: O uso de Rasta e reggae principalmente no ponto de vista da indústria cultural, é menos prestigiado em relação aos outros movimentos culturais, acredito que isso vem acontecendo mais, pela forma estigmatizada a qual o Rasta ou reggae é tratada pela sociedade e acaba refletindo no seu crédito pela indústria cultural.

RASTA, REGGAE E JAMAICA: FALE DA RELAÇÃO ÁFRICA E DIÁSPORA NEGRO-AFRICANA ?

KAROL M.O. SIMÕES:As lutas históricas pelas independências e enfrentamento aos colonos e aos recorrentes conflitos vivenciados em África, em consequência das ações remotas dos colonizadores, hoje em dia, a necessidade de revolta e de reafirmação da

identidade Africana tem sustentado muito a forma pela qual Os africanos na diáspora apresentam as suas resistências, e isso nos reconecta com a nossa mãe África, de igual modo a música reggae representa uma cultura com a qual se identificam muitos jamaicanos, e para muitos a cultura Rasta tem um imensurável valor é crença. Reggae e rasta para um jamaicano é como a África é para um africano no diáspora, uma guia ou alicerce que estimula as nossa resistência e fortalece a representatividade dos nosso valores humanos, capitais e culturais.

Entrevista IV

Virgínio Vicente Mendes-aluno de Unilab (20,MAIO de 2018).

- QUAL É A SUA EXPERIÊNCIA COM O USO DE RASTA NA GUINÉ-BISSAU. (ESCOLA, FAMÍLIA, EMBAIXADAS, IGREJA, INSTITUIÇÕES, ETC) ?

Virgínio Vicente Mendes: A minha experiência com o uso de Rasta na Guiné-Bissau, na escola que estudava não era permitido entrar sem pentear cabelo, muito menos fazer uma corte que não é fora do padrão ocidental. Na minha família a minha mãe por exemplo uma vez um individuo usuário de rasta estava passando frente da nossa casa e eu ela e outros irmãos estávamos reunidos, ela disse assim : eu não terei um filho assim, sorri, pois queria muito fazer rasta, e perguntei para ela porque não mamã? Ela me respondeu que essas pessoas são ladrões, usuários de drogas, assassinos, assaltantes, traficantes. Como pode se perceber ela as resumiu ao mundo de crime, geralmente as pessoas que usam rasta quase na sociedade guineense são visto de maneira preconceituosa, estereotipada, muitas pessoas julgam elas pelas ideias preconcebidas, e outras pela experiência de outras da mesma categoria. Ressalto mais outra experiência, no início desta ano eu estava em Guiné com objetivo de renovar o meu passaporte, fui no banco Ecobank pagar boleto para ter acesso a renovação, as pessoas que lá estavam na fila junto comigo, não sei se temiam com o medo de serem assaltados ou outra coisa do tipo, mas me olhavam atentamente. E no local de emitir passaporte, que fui dois dias depois, fui com um pedido especial de um Tenente coronel, eu escutava só vai e volta tal dia, quase um mês neste vai e vem, um dia tive que ligar para o tal mandatário que ligou para o indivíduo que deve me atender imediatamente, ao entrar na sala da espera ficando de pé dois minutos escutei: ei você sai fora, a fala de um segurança, eu disse que não vou lugar nenhum pois tenho direito de estar ali pois foi um funcionário que me chamou, além do mais, vim a mandado de uma pessoa, ele foi rapidinho interrogar o tal funcionário ele explicou a ele a pessoa que me mandou ir na mão dele, daí ele saiu e mudou do comportamento demonstrando que conhecia o Tenente e as funções que ele já havia ocupado.

PORQUE VOCÊ USA RASTA ?

Virginio Vicente Mendes : Eu uso rasta como uma forma de resistência, e de lutar contra as ideias preconcebidas, estereotipadas, por outro lado para demonstrar as pessoas que refugiam neste estilo para associar os seus vícios, como justificativa de que para ser um puro rasta a pessoa não precisa de usar drogas.

VOCÊ ADOTOU A ESTÉTICA NA GUINÉ-BISSAU OU AQUI NO BRASIL ?

Virginio Vicente Mendes: Aqui no Brasil

QUAL SEU ENVOLVIMENTO COM A FILOSOFIA E POLÍTICA RASTAFÁRI?

Virginio Vicente Mendes: A filosofia e política de Rastafári, que eu sigo é aquela que recusa qualquer tipo de operação, e não aceita a submissão a nada principalmente os regimes dos ditos países de primeiro mundo, e tudo o tipo de desumanização, luta pela igualdade, justiça, liberdade de expressão, respeito mútuo, consideração.

COMO VOCÊ PENSA O USO DO RASTA E REGGAE DO PONTO DE VISTA DA CULTURA DE MASSA OU INDÚSTRIA CULTURAL ?

Virginio Vicente Mendes: Rasta para mim como havia dito é uma estética usada para a defesa de direito da humanidade, enquanto o reggae as suas letras são denunciadoras das injustiças, discriminação, e tudo o tipo de desumanização que infelizmente estamos inseridos, foi com este propósito o astro Bob Marley criou ele. Eles são da cultura de massa, pois o reggae em particular defende a classificação desfavorecida .

RASTA, REGGAE E JAMAICA: FALE DA RELAÇÃO ÁFRICA E DIÁSPORA NEGRO-AFRICANA ?

Virginio Vicente Mendes: Os toques de reggae, o seu bit, alguns instrumentos são muitos similares a os de alguns povos africanos, a ginga também se parece a alguns danças dos povos africanos, além destes exemplo pode se ter uma visão sobre estas questões, fazendo uma historiografia sobretudo no processo do tráfico de escravos, processo esse que tirou vários indivíduos do continente para Jamaica e para outras partes do mundo, na minha opinião creio que este ritmo foi um resultado da diversas experiências trazidas pelos indivíduos escravizados .

Entrevista V

Moacir Armando Soares da Gama-aluno da Unilab (20, MAIO de 2018)

QUAL É A SUA EXPERIÊNCIA COM O USO DE RASTA NA GUINÉ-BISSAU. (ESCOLA, FAMÍLIA, EMBAIXADAS, IGREJA, INSTITUIÇÕES, ETC) ?

Moacir Armando Soares da Gama :

PORQUE VOCÊ USA RASTA ?

Moacir Armando Soares da Gama : Eu uso Rasta porque sou preto e é uma forma de resistir o padrão de beleza imposta pela sociedade ou seja é uma forma de gritar o cabelo então quem dita as regras sou eu.

VOCÊ ADOTOU A ESTÉTICA NA GUINÉ-BISSAU OU AQUI NO BRASIL ?

Moacir Armando Soares da Gama : E o meu sonho desde infância mas so que minha família nunca concordou então so vim a fazer meus dreads aqui no brasil já teve tentativa a minha família mandava cortar e eu dependia deles tinha que obedecer e já falava quando eu for estudar vou fazer os meus dreads ate na costa .

QUAL SEU ENVOLVIMENTO COM A FILOSOFIA E POLÍTICA RASTAFÁRI?

Moacir Armando Soares da Gama : o meu envolvimento com a filosofia e a política rastafári foi de uma forma involuntária o que quer dizer que eu já gritava Selassie mesmo sem saber o que era e é muito forte essa cultura e todas as pessoas que eu perguntava me davam respostas diferente e a minha aproximação com estilo Reggae me fez pesquisar sobre o movimento Rastafari.

COMO VOCÊ PENSA O USO DO RASTA E REGGAE DO PONTO DE VISTA DA CULTURA DE MASSA OU INDÚSTRIA CULTURAL ?

Moacir Armando Soares da Gama :

RASTA, REGGAE E JAMAICA: FALE DA RELAÇÃO ÁFRICA E DIÁSPORA NEGRO-AFRICANA ?

Moacir Armando Soares da Gama : Essa relação é muito forte porque conta com apoio das ideologias como Pan-africanismo, os movimentos que lutam por essa união do povo africano continental e da diaspóra como um exemplo dessas lutas as musicas do estilo reggae em todo seu contexto representa Africa e um dos seus maiores astros um é da diaspóra que é o Bob Marley e outro é continental Luke Dube.

Entrevista VI

Mohamed Saido Balde-aluno da Unilab(20,de MAIO 2018)

QUAL É A SUA EXPERIÊNCIA COM O USO DE RASTA NA GUINÉ-BISSAU. (ESCOLA, FAMÍLIA, EMBAIXADAS, IGREJA, INSTITUIÇÕES, ETC) ?

Mohamed Saido Balde: Nenhum, comecei a usar rasta aqui no Brasil. A minha família me aceita com rasta. Obs: aqui no Brasil posso usar, assim que eu voltar devo cortar, um pacto.

PORQUE VOCÊ USA RASTA ?

Mohamed Saido Balde: porque é bacana, chamativo.

VOCÊ ADOTOU A ESTÉTICA NA GUINÉ-BISSAU OU AQUI NO BRASIL ?

Mohamed Saido Balde: aqui no Brasil.

QUAL SEU ENVOLVIMENTO COM A FILOSOFIA E POLÍTICA RASTAFÁRI?

Mohamed Saido Balde: nenhum, só deixei cabelo por gosto mesmo o que não tem nada ligado a filosofia e política rastafári.

COMO VOCÊ PENSA O USO DO RASTA E REGGAE DO PONTO DE VISTA DA CULTURA DE MASSA OU INDÚSTRIA CULTURAL ?

Mohamed Saido Balde: legal, é uma peça de identificação para muitos.

RASTA, REGGAE E JAMAICA: FALE DA RELAÇÃO ÁFRICA E DIÁSPORA NEGRO-AFRICANA ?

Mohamed Saido Balde: vejo que apesar das restrições da manifestações culturais africanas na diáspora, as nossas praticas culturais acaba se sobrevivendo e falando mais alto.

Entrevista VII

Ró Gilberto Gomes Cá- aluno da Unilab (21, MAIO de 2018).

QUAL É A SUA EXPERIÊNCIA COM O USO DE RASTA NA GUINÉ-BISSAU. (ESCOLA, FAMÍLIA, EMBAIXADAS, IGREJA, INSTITUIÇÕES, ETC) ?

Ró Gilberto Gomes Cá: Lembro-me quando fui fazer o meu passaporte no serviço de Migrações em 2013 não me deixaram fazer o scanner por causa do cabelo (rasta). Disseram-me que eu tinha que ser artista ou jogador para que eu possa usar o cabelo no documento, fora essa condição eu tinha que cortar o cabelo. Fiquei sem saída, com necessidade de tirar o passaporte tive que cortar tudo.

PORQUE VOCÊ USA RASTA ?

Ró Gilberto Gomes Cá: Desde criança eu já tinha afinidade com rasta. Meu tio é Rastaman. O meu nome Robert foi inspirado no nome de uma das figuras mais conhecidas deste universo Robert Nesta Marley apelidado pelo Bob Marley. Meu falecido Pai chamava Bob N`duba conhecido como Bob. Uso rasta por razões acima citadas, pelo gosto, e como uma forma de resistência ao preconceito e discriminação sofridos pelos rastamans.

VOCÊ ADOTOU A ESTÉTICA NA GUINÉ-BISSAU OU AQUI NO BRASIL ?

Ró Gilberto Gomes Cá: Na Guiné-Bissau. No ano de 2011.

QUAL SEU ENVOLVIMENTO COM A FILOSOFIA E POLÍTICA RASTAFÁRI?

Ró Gilberto Gomes Cá: nenhuma

COMO VOCÊ PENSA O USO DO RASTA E REGGAE DO PONTO DE VISTA DA CULTURA DE MASSA OU INDÚSTRIA CULTURAL ?

Ró Gilberto Gomes Cá: Em relação à estética (beleza) hoje existe uma “ploriferação” de pessoas com usso de rasta sem ter conhecimento aprofundado da sua representação para a cultura rastafari. Muitos optam a usa-lo pelo gosto e por ser “bonito”. O estilo Roots Reaggae desinpenhou um papel fundamental na expansão da cultura rastafari em todo o mundo. Serviu e ainda serve como um instrumento de maior expressão artistica do rasta. Como disse o Bob Marley Reggae é a musica dos reis, música de revolução, meditação, reflexão, paz e amor. No passar do tempo com a transformação das sociedades e revoluções tecnologicas a música reggae assumiu uma identidade comercial para a cultura de massa. Muitos dos artistas que escrevem, cantam acabam por comercializar as suas obras (como é feita no passado), porém agora com quantidade maior, com preocupação menor a essencia daquilo que o estilo prega. Como todos os geneos musicais reggae também sofreu transformações e conheceu novos estilos como: Dub, Rockers, Lovers Rock, Dancehall, New Roots que atendem os criterios da industria musical.

RASTA, REGGAE E JAMAICA: FALE DA RELAÇÃO ÁFRICA E DIÁSPORA NEGRO-AFRICANA ?

Ró Gilberto Gomes Cá: Como é conhecimento de todos os negros africanos foram arrancados das suas terras de origem e trazidos forçosamente para Brasil, Haite, Eua, Jamaica etc. Foram obrigados a trabalhar horas infinitas sem remuneração no processo de escravisação e comercialização de escravos. Depois da extinção desta prática, os africanos escravizados já com liberdade sentiram a necessidade de reafrricar. Como forma de não perder a identidade com sua ancestralidade. Africanos na diáspora e seus descendentes criaram mecanismos de afirmação politica o exemplo do movimento pana-africanismo que serviu de luta contra opressores e afirmação da identidade negra no mundo a fora.

Entrevista VIII

Janica Zaida Lopes Ndela-aluna da Unilab(22, MAIO de 2018)

QUAL É A SUA EXPERIÊNCIA COM O USO DE RASTA NA GUINÉ-BISSAU. (ESCOLA, FAMÍLIA, EMBAIXADAS, IGREJA, INSTITUIÇÕES, ETC) ?

Janica Zaida Lopes Ndela: Optei por usar dreads aqui no Brasil a 2 anos atrás quando tinha entre 16-17 anos. E não podia ser rasta lá em Bissau porque o meu pai não deixou. Porque tinha preconceito contra os rastas de que cabelos dreads São dos delinquentes ou bandidos, pessoas inferiorizadas na sociedade.

PORQUE VOCÊ USA RASTA ?

Janica Zaida Lopes Ndela: Por causa da resistência da identidade Africana mantida pelo povo jamaicano relativamente as suas identidades africanas.

VOCÊ ADOTOU A ESTÉTICA NA GUINÉ-BISSAU OU AQUI NO BRASIL ?

Janica Zaida Lopes Ndela: Adotei essa estética aqui no Brasil.

QUAL SEU ENVOLVIMENTO COM A FILOSOFIA E POLÍTICA RASTAFÁRI?

Janica Zaida Lopes Ndela: Não tenho nenhum envolvimento com a política rastafári, mas ao mesmo tempo gosto de algumas ideologias defendidas pelos rastas em busca de uma sociedade igualitária. E da preservação das identidades culturais africanas.

COMO VOCÊ PENSA O USO DO RASTA E REGGAE DO PONTO DE VISTA DA CULTURA DE MASSA OU INDÚSTRIA CULTURAL ?

Janica Zaida Lopes Ndela: Pretendo lutar contra o preconceito dos rastas negros , e a valorização dos dreads como sendo uma das características identitárias do povo africano.

RASTA, REGGAE E JAMAICA: FALE DA RELAÇÃO ÁFRICA E DIÁSPORA NEGRO-AFRICANA ?

Janica Zaida Lopes Ndela: Desconstrução da mente colonizada, valorização da cultura africana e acabar com os preconceitos dos negros assimilados.